



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras

Rua Barão de Jeremoabo s/nº Campus Universitário de Ondina CEP 40170-115

Salvador-Ba (71) 32836238/32836240(chefia)/32836208(fax) let04@ufba.br

LET B 97 - CRIAÇÃO LITERÁRIA: O POEMA

PROFESSORA: CÁSSIA LOPES

ALBUM DE TEXTOS

MEUS POEMAS E SUAS INSPIRAÇÕES

VERA MARIA LUZ SPÍNOLA

(Curso de Graduação Bacharelado em Letras Vernáculas)

SEMESTRE SUPLEMENTAR – 2020

Dezembro de 2020

À pintura de Alberto Valença
(Alagoinhas/BA 1890 – Salvador/BA1983),
fonte de inspiração dos meus poemas

Apresentação

O álbum é composto de exercícios, poemas e haicais elaborados ao longo da disciplina Let B97 Criação Literária: o poema, ministrado pela Profa. Cássia Lopes, semestre suplementar 2020, ilustrado com algumas pinturas de Alberto Valença, cuja obra me levou a escrever um romance biográfico. A disciplina foi um bálsamo num período de tantas dificuldades. Por meio de exercícios lúdicos, afloraram emoções, sentimentos, recordações, estimulando a criatividade expressa em poemas. Foi também um encontro com a língua portuguesa, com a palavra, em que o significante é tão essencial quanto o significado. Estímulos sob as perspectivas visuais e auditivas quebraram barreiras para que o ato da escrita fluísse com naturalidade. Paralelamente a alguns poemas, comentei as experiências que os motivaram. Além dos trabalhos solicitados, o curso contribuiu para aprimorar outros escritos. No presente, sob orientação da Profa. Alícia Duha Lose, estou editando o diário do meu bisavô escrito de 1878 a 1906. As reflexões sobre a passagem do tempo me levaram a concluir o trabalho da disciplina Paleografica e Ecdótica com a frase: “O tempo é o fator limitante no ciclo de vida do homem. Joaquim Spínola viveu apenas 58 anos. Escrever foi para ele uma forma de sobreviver, super viver, e ultrapassar o limite do tempo”. Obrigada Cássia. Amei o curso.

**Vera, querida, foi um prazer tê-la em minhas aulas. Obrigada pela dedicação e pelo carinho!
Gostei muito de seus textos. Média final: 10,0**

SUMÁRIO

	Página
1. As Águas da Linguagem: Fluxo de Palavras (módulo do curso, p. 3), 16/09/20	4
2. A Sedução das palavras ao vento (módulo, p. 4), 23/09/20	5
3. Imagens visuais que representem estados de alma 30/09/20	6
4. Olhar do viajante (fotografias de Pierre Verger) 07/10/20	6
5. Memória Poética, 14/10/20	7
6. Poema com recurso da repetição: Lendo Zweig a Caminho de Forbach. 21/10/20	8
7. Poema sob a perspectiva visual (fanopeia): Crepúsculo Impressionista. 28/10/20	9
8. Exercícios sobre a grandeza do ínfimo. Tratado de Árvores. 04/11/20	10
9. Poema sob perspectiva auditiva: <i>Carpen Diem</i> . 11/11/20	11
10. Haicais 18/11/20	12
11. Haicais sobre temas marítimos 25/11/20	13
12. Poema que expresse a busca da liberdade numa paisagem marítima 09/12/20	14
13. Haicais com base no poema <i>Talvez o Vento Saiba</i> , Ivan Junqueira, p. 21. 09/12/20	15
14. Elaborar um texto com imagens auditivas (ver módulo p.29), 10/12/20	15
15. Exercício: Por entre ruídos do mar (modulo p. 27), 10/12/20	16
16. Exercício: Noites invertebradas (módulo p.22), 10/12/20	17
17. Poema 1 – Pandemia 2020 – 10/12/20	18
18. Poema 2 – Pandemia 2020 – 10/12/20	19

16/09/20

1. As Águas da Linguagem: Fluxo de Palavras (módulo do curso, p. 3)

1. Palavras líquidas:
Espuma, bolha, escorrer, passar, fluir, fluxo
2. Palavras fluviais
Corrente, margem, rio, córrego, arroio, riacho, água
3. Palavras marítimas
Marola, velejar, marulho, arfar, vela, rede, ondas, vagas, vento, maré, surfar, areia, sol
4. Palavras efêmeras
Instante, momento, orgasmo, gozo, emoção, sensação, fruição, raiva, centelha
5. Palavras lunares
Luar, luz, noite, distração, sonho, órbita, prateada, brilho, quimera, melancolia
6. Palavras risonhas
Humor, gargalhada, riso, alegria, Zé Simão, piada, anedota, comédia, sorriso
7. Palavras sonhadas
Nirvana, plenitude, epifania, realização, ágape, generosidade, virtude
8. Palavras gastas
Narrativa, empoderamento, democracia, politicamente correto
9. Palavras revolucionárias
Ruptura, rompimento, recomeço, radical, mudança
10. Palavras trafegáveis
Trem, avião, navegar, barco, saveiro, trilha, travessia, rumo, voo,
11. Palavras leves
Pluma, beija-flor, rouxinol, flutuar, plácido, bossa nova, sopro.

2. A Sedução das palavras ao vento: uma palavra chama outra (módulo, p. 4) 23/09/20

Encontre palavras que, pela sonoridade, pela semântica ou pela vivência pessoal, se aproximem das apresentadas abaixo

1. MANGUE

Ilha das Vacas, Madre de Deus, vegetação, mar, caranguejo, lama, pantanoso, lamaçal, limo, praia

2. LÁGRIMAS

Emoção, tristeza, decepção, susto, alegria, choro, riso, desilusão, desabafo

3. SALIVA

Beijo, dente, cuspe, língua, úmido, baba

4. RIO

Corrente, margem, nadar, água

5. SOPRO

Expirar, vento, fugaz, passageiro, brisa, suspiro, halo

6. INSTANTE

Momento, finitude, efêmero, passageiro, infinito, é da coisa

7. RELÂMPAGOS

Descarga, eletricidade, trovão, instante, raio, clarões, choque, luz

8. SAL

Sal, sol, sul, azul, tempero, açúcar, branco, sabor

9. LIMO

Verde, água, umidade, escorrego, plantas

10. FERRUGEM

Salitre, estrago, umidade, marrom, corrosão, oxidação, envelhecimento, destruição.

30/09/20 - Exercício página 7

Construa uma imagem visual ou uma paisagem que representem os seguintes estados de alma:

1. PANDEMIA

A paisagem é o interior de minha pequena biblioteca, um bunker de proteção ao inimigo invisível, ao áspero mundo de fora, um encontro com a subjetividade, onde o feixe de luz que entra pela janela traz um raio de esperança.

2. MEDO

Continuo no meu refúgio, com medo de sair de casa. Mas como é rico esse refúgio. As 1250 páginas do Conde de Monte Cristo me proporcionaram tantas aventuras. Viajei no túnel do tempo e fui encontrar Napoleão na Ilha de Elba, e depois o personagem injustamente preso no *Chateau d'If*. Criei um diálogo tão intenso com Alexandre Dumas e seus personagens que sentia saudade ao perceber que avançava rapidamente, que faltava pouco para chegar ao final. Depois fui à Montanha Mágica com Thomas Mann.

3. SOLIDÃO

Em uma sala gelada, estranha, me vejo dentro de uma bolha, com dificuldade de respirar, não vejo nenhum rosto conhecido, só médicos e enfermeiros que parecem astronautas. Onde estão meus familiares? Meus amigos? Não sei se sobreviverei. Estou me aproximando da morte. Tudo que poderia ter feito na vida, mas não fiz. Estou só com minhas culpas.

07/10/20

Exercício páginas 9 e 10. O olhar do viajante (fotografias de Pierre Verger)

1. Página 9 – Saveiro navegando perto do Forte de São Marcelo (SSA/BA)

Quanta harmonia nesse saveiro deslizando sobre um espelho d'água, sobre as águas tranquilas da Baía de Todos os Santos. Até o Forte de São Marcelo, com seu passado colonial belicoso, parece descansar em paz e dialogar com a vela, dando um toque renascentista ao cenário.

(O forte defendeu a cidade dos invasores holandeses em 1624; foi onde Bento Gonçalves, líder da Guerra dos Farrapos ficou encarcerado em 1837. Mais tarde o local se tornou um depósito de pólvora).

2. Página 10 - Pipa

Ajusto meu gingado para equilibrar a pipa voando como uma gaiivota sob a brisa de verão na Baía de Todos os Santos.

Ajusto meu gingado para equilibrar a pipa voando como uma gaiivota sob a brisa de verão na Baía de Todos os Santos.

14/10/20

3. Memória Poética

Descrever uma cena que lhe marcou. O que fez com ela?

Eu deveria ter uns 10 anos quando fui dar um passeio com meu tio e prima na Península de Itapagipe. O tio foi visitar um imóvel, enquanto a prima e eu fomos caminhar e catar conchas na praia do Bogari, Ribeira. A maré estava vazia e dentre as conchas encontrei duas madrepérolas.

A cena ficou esquecida como “um quadro adormecido envolvido pela sombra”, tal como falou Rubem Alves. Mais de cinquenta anos depois, ao observar uma pintura, a cena adormecida despertou. Retornei ao local e escrevi o poema:

Praia do Bogari

Um quadro. Uma paisagem. Praia do Bogari.
Não há data. Pode ser do final dos anos 30.

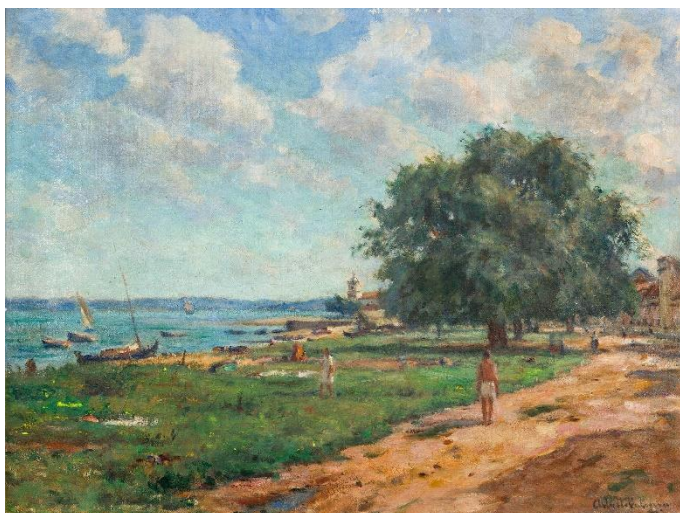
Reconheço

A torre da Igreja da Penha, Ribeira.
Águas serenas da Baía de Todos os Santos,
Saveiros. Homens do mar.
Sobrados. Vegetação rasteira.
Mulheres dos homens do mar.
Luz da manhã
Amendoeiras.
Ali catei madrepérolas.

Retorno

Não vejo mais a torre da Penha
Foram-se os saveiros,
Os homens do mar
A vegetação rasteira,
Os meus sonhos.

Restaram águas passadas
Amendoeiras
Madrepérolas. **(MUITO BOM)**



Pintura de Alberto
Valença. Praia do
Bogari, Ribeira,
Península de Itapagipe,
Salvador, Bahia. 1930

21/10/20 Poema utilizando o recurso da repetição

Lendo Zweig a Caminho de Forbach

Setembro 2012. 9:00 horas Estação Berlim
Vagão 20. Na mão o livro e a malinha

Até a pequena Forbach destino fim
Começo a ler sobre a frívola rainha

Apito. Chacoalho. Barulho
No livro um mergulho.

Junho 1791. Meia noite em Paris
Foge família real das Tulherias
Rei Luís de laçao se fantasia
Antonieta como qualquer maria

Estação Frankfurt
Apito. Chacoalho. Barulho
Saio e caio no livro em novo mergulho

Das carruagens caem garrafas vazias
Passam pela pequena Châlons
E chamam atenção pela picardia
Na vila corre boato: quem seria?

Estação Manheim
Apito. Chacoalho. Barulho
Saio e caio no livro em novo mergulho

Em Varennes passam noite fatal
Rainha primeira vez em lugar banal
Mas jacobino da Assembleia Geral
Muda curso da História e da fuga real

Estação Forbach
Apito. Chacoalho. Barulho
Saio do livro de longo mergulho

Chegamos a Forbach depois das três
Será que estou sonhando?
Em vez de alemão, falam francês
Em vez do alemão, caímos no Forbach francês

Trocas de trens mais de uma vez
Rumo a Forbach alemão, partindo do francês

Apito. Chacoalho. Barulho
Caio no livro em novo mergulho

Família real a caminho da guilhotina
Revolução e muita carnificina
Partindo de Forbach para Forbach.
Às duas da manhã chegamos lá

Com apitos chacoalhos barulhos.
Com muitos mergulhos me Livro

Fonte de inspiração em fatos reais:

Em 2012, fomos à Alemanha para fazer trilhas na região da Floresta Negra. Deveríamos encontrar o grupo na cidade de Forbach. Compramos a passagem de trem (Berlim/Forbach) na estação de Berlim.

Eu lia o livro *Marie Antoinette* de autoria de Stefan Zweig, versão em francês. Uma biografia da rainha da França.

Estava muito entretida no livro, mas estranhei constatar que todos falavam francês em Forbach. Não sabíamos que havia duas cidades com o nome de Forbach, uma na Alemanha e outra na França. A vendedora emitira uma passagem para Forbach/ França, sem ao menos perguntar para qual das duas Forbach nós iríamos.

Foi complicadíssimo retornar à Alemanha e rumar para o Forbach alemão. Trocamos de trem diversas vezes.

Dentro do trem ou em estações, a leitura prendia minha atenção. Chegamos a Forbach/ Alemanha, destino fim, às duas da manhã.

No poema, fiz um paralelo entre nossa viagem e a tentativa de fuga dos reis, Maria Antonieta e Luiz XVI, em plena revolução francesa, disfarçados de pessoas comuns. Inadvertidamente, jogam garrafas vazias de bons vinhos pelas janelas das carruagens, passam pela pequena cidade de Châlons, onde o comboio levanta suspeitas. Pernoitam em Varennes, onde são reconhecidos, presos, e levados de volta a Paris. Seriam guilhotinados por crimes de traição, incluindo a tentativa de fuga. Por coincidência o Forbach francês, onde estávamos por acaso, fica na mesma região que Varennes, na Lorraine, nordeste da França.

Fuite à Varennes inspirou filmes e livros. Ouvi o episódio contado pela minha avó com quem aprendi francês, escutando estórias e estudando História.

(Excelente!!!)

28/10/20 – Poema concretista sob a perspectiva visual – Fanopeia

Crepúsculo Impressionista

Detalhes invisíveis

Pinceladas visíveis

Pincéis impressionistas

Impressões em luzes

Emoções em cores

Luzes sobre cores

Escarlate se esmaecendo

Lânguido crepúsculo

Epifania

Harmonia momentânea

Instante

Infinito

Indo

Fin D o

i

a



Por do Sol sobre o Convento do Desterro. Pintura feita a partir da roça dos franciscanos onde Alberto Valença montou o cavalete. Como o crepúsculo nos trópicos é muito breve, durante dias o pintor voltou ao cavalete à luz crepuscular para registrar o momento de grande beleza, já que não trabalhava em ateliê. Pintava *in loco* (Museu Carlos Costa Pinto)



Ubarana Luz Vespertina-pintura Alberto Valença (Praia entre Pituba e Amaralina 1925, Coleção Katia Valladares, RJ)

04/11/2020

Pag. 24. Exercícios sobre a grandeza do ínfimo, base em

[Manoel de Barros. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 9 e p. 13

Dar exemplos de sintomas da disfunção lírica. Ver módulo p. 24

- a) Ouvir o ruído do silêncio
- b) Gostar de se expor ao ridículo
- c) Ouvir a voz interior
- d) Sentir palavras como seres vivos
- e) Dar movimento à contemplação
- f) Gostar de cultura inútil
- g) Desabafar escrevendo

2) **Tratado de Árvores**

Anoitecer na Serra

É preciso uma orquestra de cigarras

É preciso terra

É preciso água

É preciso o canto de jandaias se aninhando para a noite

É preciso aves noturnas

É preciso corujas sábias enxergando no escuro

É preciso vagalumes se confundindo com estrelas

Amanhecer na Serra

Neblina na serra é chuva na terra

Paisagem verde chamuscada de branco

Cheiro de mato molhado

Aroma de baunilha

Canto do anum negro

Canto do sabiá

Canto da jandaia

Canto do bem-te-vi

Canto da água correndo da nascente

Canto da rolinha fogo pagou

Fogo apagou

Salvem-se as árvores.

11/11/20 – Poema inspirado em música sem letra, perspectiva auditiva

Hedonismo - *Carpen Diem*

Carpen Diem na juventude:
Fruir prazeres em magnitude
Múltiplos intensos orgasmos
Orgasmos em pleonasmos

Carpen diem, Carpen diem
Axé e arrocha noite e dia
Carpen diem, Carpen diem

Ensoberbecer-se com elogios
Vaidade leva a desvarios
Comer o maná com voracidade
E logo partir em saciedade

Carpen diem, Carpen diem
Axé e arrocha noite e dia
Carpen diem, Carpen diem

Carpen diem na maturidade:
Orgasmos postos em liberdade
Êxtase com um breve nirvana
Degustando vinho de forma lhana

Carpen diem, Carpen diem
Saudade da beatlemania
Carpen diem, Carpen diem

Andar na praia sob o luar
Devaneios em ondas quebradas
Ideais ainda por realizar
Quando partir, que vou deixar?

Deuses me guiem!
Carpen Diem.

Fonte de inspiração

Completei 67 anos em 9 de novembro de 2020.

Momento de reflexão, sobretudo em plena pandemia.

Dentre as felicitações pelo aniversário ouvi:
Aproveite seu dia

Escutei o *Blues No.3 for Stravinsky*, por Bruce Wolosoff *Carpen Dien* String Quartet.

Assim, me motivei a escrever um poema com o tema *Carpen Diem*, que em latim significa colher o dia, aproveitar o dia.

Fui também inspirada pela filosofia hedonista, que consiste na dedicação ao prazer como estilo de vida, levando-se em conta que a vida é passageira, efêmera.

(Songs without words: Blues No.3 for Stravinsky, by Bruce Wolosoff *Carpenn Dien* String Quartet
<https://www.youtube.com/watch?v=-s3yNTE9jUc>)

18/11/20 Haicais

Versos de apenas três linhas. Ver exemplos de haicais na página 25 do módulo

Pandemia, Pandemia
Ideias, imagens
Em rimas vazias

Inovar. Criar
Destruição criadora¹
Onde chegar?

Embalagem plástica
Luxo no lixo
Pra que isso?

¹ Haicai inspirado no pensamento do economista e filósofo Joseph Schumpeter (Moraiva, 1883 – Connecticut, EUA, 1950). Considerava que a força propulsora do capitalismo estava na inovação. Estão sempre se criando novos produtos e novas formas de produzir, destruindo produtos e métodos, que vão se tornando obsoletos. Chamou o processo de Destruição Criadora, título de famoso ensaio.

25/11/2020 Haicais sobre temas marítimos

- 1) Baseados em poemas de Dorival Caymi, de Myriam Fraga, e nas pinturas de Alberto Valença (Módulo do curso, p. 14-15)

Pedro partiu à vela
Pedro sumiu com a vela
Rosinha acendeu uma vela

Luar sobre o mar
Mar prateado
Cabelos de Iemanjá

Maré vazia
Barcos encalhados
Calmaria



Navegando na Baía de Todos os Santos. Pintura Alberto Valença. Coleção Emílio Odebrecht

- 2) Haicai inspirado no poema de Myriam Fraga (Módulo do curso p. 16 -18)

Pescador e
Carpinteiro
Barco sem buracos

Barco que flutue
Que enfrente tempestades
Que se harmonize nas marolas

Pescador
Que encontre equilíbrio

Entre vento e ondas

Pescador
Arco distendido
Esperança de um peixe

Pescaria
Dragada pelo mar
Será que vai voltar?



Saveiro encalhado na maré vazia
Pintura Alberto Valença.
Coleção Norma Martins

09/12/20 – Escrever um poema que expresse a busca da liberdade numa paisagem marítima

Pouso da Coruja

Findo dia de estudo, saio do casulo
Escolho o momento do crepúsculo
Com o nascer da lua sobre o mar
Não quero pensar, apenas vaguear

Sol se pondo em festival colorido
Vermelho, laranja, lilás, indigo.
Na infinitude ainda azul do oceano
Lembro das agruras desse ano

Sob a lânguida luz candente
Novo cenário com lua nascente
Vênus. Brilho escarlate de Marte
Mar prateado como em obra de arte

O espetáculo é deslumbrante
Ónix cravejado de brilhantes
Nesse encontro do céu com o mar
Vagalumes e estrelas a se juntar

Breve pouso duma coruja surpreende
Ela veio como uma estrela cadente
Mas assustada, levanta voo em correria
Curto encontro com símbolo da sabedoria

Pena encontro tão fugaz
No universo sou um corpo incapaz
Precisando de muita sabedoria
Para conviver e sobreviver à pandemia



Fotografia. Nascer da lua sobre a Praia de Guarajuba



Nascer da lua. Pintura em *Pochade*. Alberto Valença. Museu Carlos Costa Pinto

Pochade: pintura instantânea, sem desenho prévio. Captam-se as cores e luzes de um momento. Prática comum aos pintores impressionistas

Exercícios para entrega em 09/12/20

- 1) **Haicais com base no poema *Talvez o Vento Saiba*, de autoria de Ivan Junqueira, p. 21**

Solto
no mar,
desfazendo-me entre fragmentos de memória

No mar
à deriva
do vento

Vento
levai-me aos meus vínculos,
à minha estimada praia

Vento
Salvai-me.
Conduzi-me à terra firme

2) **Elaborar um texto com imagens auditivas (p.29)**

- 1) MÚRMURIO DO MAR (No vai e vem das ondas)

Ondas contínuas a cantarolar
Monotonamente
Como cantigas de ninar

- 2) BALANÇO DOS COQUEIROS (liberdade do vento)

Fúria invisível do vento
Coqueiros uivando assombrados
Reclamam galhos despencados

Brisa que beija e balança
Rufar suave como uma sinfonia
Coqueiro, areia, ondas, maresia
Orquestra em total sintonia

- 3) A CHUVA CAINDO (O barco indeciso)

Gotas d'água ritmadas
Balanços indefinidos. Vela alçada. Ventos em diferentes direções.
Que rumo tomar?

Texto:

Noite de inverno tropical à beira-mar. Ouço a fúria invisível do vento. Coqueiros uivando assombrados reclamam seus galhos despencados. De repente para de ventar, ouço as ondas contínuas batendo monotonamente como cantigas de ninar. Adormeço.

Amanhecer sem vento. Ruído monótono das ondas é orquestra para o canto do bem-te-vi. De repente, ouço gotas ritmadas de um aguaceiro sobre o telhado. E a orquestra de ondas continua na maré que está enchendo.

A brisa da tarde me beija na maré vazia. Rufar suave como uma sinfonia. Coqueiro, areia, ondas fracas, maresia. Musical em sintonia

3) **Exercício p. 27. Por entre ruídos do mar:** produção de texto. Imagine e descreva alguns ruídos a partir das sugestões apresentadas abaixo:

1) **Escuto nas praias:**

Praia desertas: ondas a se quebrarem, rufar de coqueiros, canto do bem-te-vi, do sabiá, conversas de aves marinhas, conversa de pescadores

Praias frequentadas: caixas de som nas alturas. Não ouço mais o canto das ondas, nem o rufar dos coqueiros, nem conversas de pescadores, nem de gaivotas

2) **Nas sacadas das janelas na cidade:** de manhã cedo o canto dos pássaros, o cacarejar do galo. Mais tarde o barulho de automóveis, freios cantando, camionete mercando ovos, de outra camionete berros de campanha política. Surge vassoureiro “olha a vassoura para varrer e vasculhar”

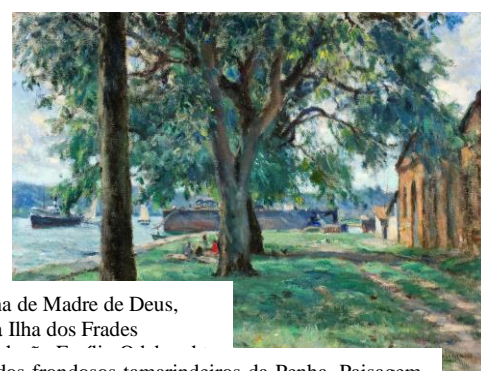
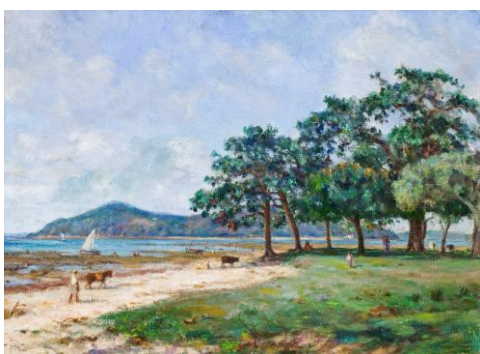
Nas sacadas de janelas sobre o mar: infinitude azul, linha do horizonte bem definida, barco à vela ao longe, espuma de ondas se quebrando na praia; coqueiros, palmeiras, vegetação de restinga com flores selvagens. Um grauçá assustado entra na sua toca.

3) **Entre uma onda e outra:** marola e espumas

4) **Em um homem que passa na praia:** ouço passos do homem e do jegue e uma voz mercando suavemente “olha o coco verde, quem vai querer”

5) **Gosto de navegar** sobre as águas plácidas da Baía de Todos os Santos admirando a beleza da paisagem com suas ilhas, suas praias, sua vegetação tropical, ora coqueiros e palmeiras, ora manguezais. Lembranças de infância me levam a Itaparica, a Mar Grande, à Ilha das Vacas, a Madre de Deus, à Ilha dos Frades com a igrejinha de Loreto em ruínas. Apito dos navios da Companhia de Navegação Companhia de Navegação Baiana: seria o Mascote? o João das Botas? o Itaparica?

Não existem mais. Foram-se também os saveiros.



Cotidiano à beira mar na Ilha de Madre de Deus, anos 1930. Ao longe se vê a Ilha dos Frades

O quadro é dominado pela sombra dos frondosos tamarindeiros da Penha. Paisagem variada, cheia de luz, onde o artista compõe um poema através de contrastes entre cores metricamente rimadas. Faz questão de vestir de vermelho um figurante que, dentre outros, desfruta da sombra. Na água, vê-se a estrutura do dique flutuante Araújo Pinnho, da Cia de Navegação Baiana, onde se reparavam navios. Há saveiros passando e também um vapor (navio) da Companhia de Navegação Baiana. Ao fundo, avista-se o bairro de Plataforma, frontal à Ribeira. Pintura de Alberto Valença de 1924. Pintura de vaor iconográfico. Coleção Emílio Odebrecht

4) Exercício: Noites Invertebradas (módulo, p. 22)

Complete as frases abaixo com imagens visuais e auditivas

Nas janelas abertas, em meio à selva de pedra, um pássaro, uma lavadeira sobre um fio, e um bem-te-vi a cantarolar

Noite alta, breu, noite sem estrelas, noite sem luar

Enquanto a lua sobe sobre o mar, emerge um espetáculo prateado cravado de brilhantes

Salitre do vento, vento a rufar, sinto a carícia de uma fúria salgada

Greve das horas, o tempo parou?

Tranças de fios, gambiarras perigosas em paisagens urbanas, risco de acidente e poluição visual

Desejos escondidos, descobertos, desvendados, decifrados pelo olhar do outro

Nas vozes quietas da água corrente, um calmante

Sonho um mundo menos desigual

Jornada de uma Pandemia - 2020

Março 2020

No Brasil são divulgados
Mais de noventa
Óbitos acumulados

Na telinha vejo tantos ataúdes
Médicos e profissionais de saúde
Guerreiros da linha de frente
E para nós, confinamento.

Abril 2020

No Brasil divulgados
Mais de quatro mil
Óbitos acumulados

Em confinamento, penso nos carentes
Melhor contribuir para os próximos
Amor na Graça, disseminemos
Para ambulantes não perderem renda.

Mai 2020

No Brasil são divulgados
Mais de vinte e quatro mil
Óbitos acumulados

Na gaiola de ouro procuro o que fazer
Dialogo com personagens de romances
Em confinamento penso em Anne Frank
E outros confinados em suas nuances.

Junho 2020

No Brasil são divulgados
Mais de cinquenta mil
Óbitos acumulados

Conde de Monte Cristo: 1250 páginas a ler
Deparo-me com o destino de Edmond Dantê
No Chatô d'If, preso injustamente.
É ali que desenvolve a mente

Julho de 2020

No Brasil são divulgados
Mais de noventa mil
Óbitos acumulados

De Thomas Mann, leio A Montanha Mágica;
Em sanatório entre estórias trágicas
Hans Castorp vai se afastando da realidade
Perde a noção de tempo. (e até identidade) Sugestão:
excluir

Agosto de 2020

No Brasil são divulgados
Mais de cento e vinte mil
Óbitos acumulados

Volto-me ao livro para revisar
Tomo decisão de publicar
Primeiro romance de minha autoria
Tudo em plena pandemia

Setembro de 2020

No Brasil são divulgados
Mais de cento e quarenta mil
Óbitos acumulados

Vivo a arte do meu personagem, as cores
A melancolia de seus amores
As luzes e cores de seus poemas
Postos por mim em grafemas

Outubro de 2020

No Brasil são divulgados
Mais de cento e cinquenta mil
Óbitos acumulados

Revisão, diagramação, publicação
Imagens, capa, correção, pontuação
Quase cumprida minha missão
Livro no prelo. Preciso de novo elo.

Novembro de 2020

No Brasil são divulgados
Mais de cento e setenta mil
Óbitos acumulados

Nova onda chegou. Pandemia não acabou
Meu elo agora é o diário do bisavô
Século dezenove, Chapada Diamantina
Rescrevendo estórias, esperando vacina

09/12/20 Poema 2 – Pandemia 2020

Poema em Pandemia

Confinamento. Volto me à literatura
Escapismo sem limites. Viagens em fartura
Entre escritos, correções e releituras
Sou convidada pelo mar nas alturas

Caminho sobre a areia sonhando
Ouço gaivotas conversando.
Sob o canto ritmado das ondas,
Um poema vou compondo

O poema é atravessado, mutilado
Não por conchas ou sargaços
Mas por resíduos de plástico
Mais resistentes que o aço

A paisagem é um presente
Mas a tartaruga sente
Quando faminta agarra
O lixo de uma farra

Entre rochedos, areias
E rufar de coqueiros,
Encontro bolas de petróleo
De onde veio o negro óleo?

O canto das ondas, não ouço mais
Caixas com som alto demais
Retorno
Levando comigo um poema em pandemia
Sem consonância, nem concordância
Nem poesia

Bom trabalho!

Numa tarde de verão tropical caminhei pela praia em busca de inspiração. A brisa salgada me acariciava naquela infinitude azul. Linha do horizonte bem definida. Barco à vela ao longe. Som ritmado de ondas contínuas se quebrando na maré baixa. Entre uma onda e outra, marolas e espumas. Algazarra de jandaias sobre coqueiros que balançavam e rufavam. Cheiro de sargaço. Vegetação de restinga com flores selvagens. Um grauçá assustado entrou na toca.

De repente, me deparei com uma aglomeração. Não entendi de imediato o que se passava. Aproximei-me das pessoas, ouvi conversas em diferentes línguas. O vento assanhava os cabelos. Recém-nascidas tartarugas, depois de se libertarem da casca do ovo, arrastavam-se lentamente em direção ao mar. Alguns turistas tentavam fazer “selfies”.

Juntei-me ao grupo para assistir o percurso dos pequenos répteis até o mar. Terminado o espetáculo, continuei a caminhar. Depois de percorrer uns dois quilômetros, senti um cheiro de material orgânico em decomposição. Era uma tartaruga grande morta.

Fiz um retorno e passei novamente pelo local onde ocorrera a eclosão de ovos.

Não havia mais tartarugas, nem ninguém. No lugar, havia sacos plásticos, embalagem de balas e chocolates, pequenas garrafas de água mineral, copos de iogurte, latas de cerveja. Comecei a catar o lixo jogado na areia. O sol se punha em festival colorido. Vermelho, laranja, lilás, índigo. Na infinitude ainda azul do oceano lembrava-me das agruras de mais um ano que terminava. Sob a lânguida luz candente, abriu-se um novo cenário com lua nascente. Vênus. Brilho escarlate de Marte. Mar prateado como em obra de arte. Ónix cravejado de brilhantes. No encontro do céu com o mar, estrelas se confundiam com vagalumes. Onde e como estariam as pequenas tartarugas recém-chegadas ao mar?

Tive a impressão de ver uma mulher diáfana vestida de azul e branco se aproximando e sussurrando: “A paisagem é um presente, mas a tartaruga sente quando faminta agarra o lixo de uma farra.” Seria Iemanjá? Não consegui alcançar a personagem. Dissolveu-se na luz da lua.